

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA

*Esta publicação constitui um balanço, ainda que sumário, do que até agora foi possível construir, permitindo à Instituição e à Comunidade fazerem uma avaliação daquilo que hoje somos e representamos.*

CONSTRUÇÃO DE UMA REALIDADE

# CONSTRUÇÃO DE UMA REALIDADE

# 10 ANOS

*de desenvolvimento*

ESEL

371.671  
ESEL  
01



ESEL - Construção de uma realidade

371.671 / ESEL / 01

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA**

**ESEL - Construção de uma realidade:  
10 anos de desenvolvimento**



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA**

X

#### FICHA TÉCNICA

Título:  
ESEL - Construção de uma realidade: 10 anos de desenvolvimento

Organização:  
ESEL

Edição:  
Núcleo Editorial da Escola Superior de Educação de Leiria  
© ESEL 1997

Concepção gráfica e composição:  
Olga Craveiro  
Olga Terça

Capa:  
Alexandra Ribeiro

Impressão:  
Santos & Costa, Lda. - Pedreiras - 2480 Porto de Mós

Depósito legal n.º 117968/97  
ISBN 972-95207-1-2

## ÍNDICE

<b>ESEL - UMA ESCOLA EM CONSTRUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>PASSADO RECENTE</b>	<b>13</b>
<b>ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO</b>	<b>55</b>
10 anos de ESEL ... um passado recente	57
Órgãos da Escola	63
<i>Assembleia de Representantes</i>	63
<i>Conselho Directivo</i>	64
<i>Conselho Científico</i>	64
<i>Conselho Pedagógico</i>	64
<i>Conselho Consultivo</i>	65
<i>Conselho Administrativo</i>	65
<i>Departamentos</i>	65
Serviços da Escola	69
<i>Secretaria</i>	69
<i>Serviços Académicos</i>	69
<i>Serviços Sociais</i>	69
<i>Audiovisuais</i>	70
<i>Biblioteca</i>	70
<i>Salas de Informática</i>	71
<i>Reprografia</i>	71
<i>Laboratório</i>	72
<i>Papelaria da Associação de Estudantes (A.E.)</i>	73
<b>CURSOS</b>	<b>75</b>
Formação Inicial	77
<i>Os Planos de Estudo</i>	77
<i>Implementação dos Planos de Estudo</i>	80
<i>Cursos e Alunos</i>	81
<i>Outras instituições onde se realizou a formação inicial</i>	83

<i>Prática Pedagógica</i>	84
<i>Estágios do curso de R.H.C.T.</i>	93
Profissionalização em Serviço	97
<i>O enquadramento legal</i>	97
<i>Um pouco de história</i>	98
Formação Contínua	103
Formação Especializada	105
<b><u>INVESTIGAÇÃO/FORMAÇÃO</u></b>	<b><u>107</u></b>
ESEL: 10 anos de investigação e pós-graduação	109
Pós-graduações e Provas Públicas	115
<i>Doutoramentos</i>	115
<i>Mestrados</i>	117
<i>Provas Públicas</i>	123
<i>Projectos de investigação(mestrados e doutoramentos) em curso</i>	125
<b><u>ACTIVIDADES</u></b>	<b><u>129</u></b>
Publicações da ESEL	131
Colaboração dos docentes em publicações de natureza científica ou académica	133
Projectos desenvolvidos a nível institucional	147
Projectos desenvolvidos em parceria com outras entidades	149
A Experiência da Biblioteca Infantil e Juvenil da ESEL	151
Projecto Minerva	155
Apoio aos Recém Diplomados da ESEL	158
Comemorações do Dia Mundial da Criança	160
Cooperação com Países Africanos e Educação para o Desenvolvimento	162
Comemorações dos 10 Anos	165
<b><u>ANEXOS</u></b>	<b><u>169</u></b>
ANEXO 1 Comissões Instaladoras	
ANEXO 2 Estatutos da Esel	
ANEXO 3 Formação Inicial	
ANEXO 4 Formação Contínua	
ANEXO 5 Formação Especializada	

*A Direcção da Escola Superior de Educação de Leiria agradece a colaboração e o empenhamento de todos, nomeadamente dos professores Adalgisa Brito, Alzira Saraiva, Ana Gil, Celeste Frazão, Cristina Nobre, Eduardo Fonseca, Isabel Kowalski, Isabel Pereira, José Brites Ferreira, Luís Filipe Barbeiro, Maria José Reis, Pedro Silva, bem como dos funcionários Celeste Faria, João Vieira e Luís Barata.*

## **Passado Recente da Escola Superior de Educação de Leiria**

Falar sobre o "Passado Recente" da Escola Superior de Educação de Leiria não é fácil, porquanto, a sua história é já longa, para o tão curto espaço que nos foi possível ceder.

Saúdo a iniciativa do lançamento deste anuário, manifestando a minha homenagem a todos quantos colaboraram para dar vida à 1.<sup>a</sup> Instituição do Ensino Superior no Distrito de Leiria e aqui recordo o meu prezado amigo e membro da Comissão Instaladora, Dr. Veríssimo de Azevedo, que infelizmente já não se encontra fisicamente entre nós.

A Comissão Instaladora, os professores, os funcionários e os alunos, procuraram desde sempre defender e enriquecer o projecto das ESE, não sendo difícil de o constatar nos estudos e trabalhos desenvolvidos, propondo metas e estratégias com vista à concretização dos objectivos então definidos.

Julgo que hoje as ESE, passados dez anos de grande experiência na formação de professores e outras actividades de apoio e colaboração com as suas Comunidades, precisam de alguns ajustamentos nas suas competências.

Não esqueçamos que, numa 1.<sup>a</sup> fase, as atribuições das ESE no domínio da formação inicial, quedavam-se pela Educação Pré-Escolar, e Ensino Primário; só posteriormente e através do D.L. 513-T/79 de 26 de Dezembro foi atribuído àquelas Escolas a formação de professores para o Ensino Preparatório; hoje está em vigor uma Lei de Bases que consagra princípios não existentes na altura do arranque das ESE e sobre os quais se torna necessário reflectir, como por exemplo, a estrutura do ensino básico; pode estar actualizado o perfil de professor que se está a formar, se ele foi definido antes da Lei 46/86 de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo)?

É importante recordar o documento que, sobre esta matéria, foi produzido por um grupo de trabalho que se reuniu em S. Pedro de Moel em Agosto de 1983; foram propostas quatro hipóteses de formação de professores pelas ESE com as respectivas implicações na rede escolar, nas instalações, na carreira docente, nos professores em exercício e na organização do processo ensino-aprendizagem.

As ESE estão desde o seu início associadas a três grandes linhas de força, que se podem caracterizar pela inovação, descentralização e regionalização.

De inovação por desenvolverem um sistema de formação inicial e contínua de professores para diferentes níveis de ensino, com repercussões

em todo o sistema educativo e como alternativa e complementarização ao Ensino Superior Universitário. De descentralização e regionalização por procurarem dar resposta, na medida dos seus recursos, às necessidades locais e regionais que, até então, só era obtida a partir de estruturas centrais.

A criação da rede de estabelecimentos do Ensino Superior Politécnico e a localização a nível distrital de Escolas Superiores de Educação foi, entre outros, propósito para uma regionalização do Ensino Superior, medida importante para corrigir os desequilíbrios conjunturais entre os grandes centros urbanos, o litoral e o interior do País.

No entanto, a índole regional do Ensino Superior Politécnico no respeitante à formação de professores pelas ESE e traduzida na necessidade de se prepararem os futuros docentes em contacto com os problemas reais da Comunidade e das suas Escolas, específicos de cada região, de nada vale, enquanto não forem definidos e implementados novos sistemas de colocação de professores.

Para finalizar este meu testemunho, sugiro que seja feita a avaliação das ESE, medida que considero fundamental, para clarificar as muitas potencialidades destas Instituições, as quais, creio, são superiores às fragilidades ainda existentes.

*Dr. José Ventura da Cruz Pereira*

*(Ex-Presidente da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Comissões Instaladoras)*

A convite do Presidente da Comissão Instaladora da ESEL [Dr. Cruz Pereira] para fazer parte do Conselho Científico e que, obviamente, aceitei, estive ligado à escola por cerca de seis anos, os três primeiros como simples membro e os três últimos como Presidente do mesmo. Foi um período muito enriquecedor na minha experiência profissional e que recorro com satisfação e saudade visto me ter possibilitado participar e acompanhar os primeiros passos da escola e, designadamente, na admissão e constituição do seu corpo docente e elaboração dos seus planos curriculares. Apesar de ser um conselho muito reduzido, nos primeiros tempos, apenas constituído pelo Presidente da Comissão Instaladora, Dr. José da Cruz Pereira, o Professor Nicolau Raposo, a Professora Isabel Alarcão, o Dr. João Formosinho, o Dr. Veríssimo e eu próprio, foi possível fazer uma boa reflexão acompanhada por vivos debates sobre a escola, os seus objectivos de formação, investigação e intervenção nos domínios do Ensino Superior Politécnico e, mais especificamente, na formação de profissionais para a Educação Pré-Escolar, para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e para o 2.º Ciclo do Ensino

Básico através das variantes, na contratação do pessoal docente e no desenvolvimento dos primeiros planos curriculares.

Acresce dizer que esses planos de estudos foram concebidos com uma estrutura modular a fazer apelo a articulação de temáticas inter- e transdisciplinares que só seria viável, na prática, através de uma boa gestão curricular o que, aliás, constituía um grande desafio para o novo corpo docente e para a gestão da própria escola. O que não poderia de modo algum acontecer como, na realidade, parece ter sucedido, era transformar os módulos em pequenas disciplinas numa dialéctica de poder que acabou por pôr toda a estrutura em questão, ao ponto de ter de ser alterada rapidamente ainda durante o período em que fiz parte do Conselho Científico. Era o estigma da marcação dos "territórios" disciplinares como centros de poder que o jovem corpo docente, infelizmente, não conseguiu ultrapassar.

A dinâmica do conselho, porém, foi bem mais interessante e complexa ainda que a sua condução se tenha tornado, por vezes, difícil e complicada, quando começaram a chegar os primeiros Professores Adjuntos que entretanto terminaram os graus de Mestre e foi possível confrontar a realidade por nós construída, em termos curriculares, com a realidade concreta do funcionamento dos diferentes planos de estudos dos diferentes cursos, da existência do pólo das Caldas e da formação e progressão na carreira do corpo docente que entretanto ia adquirindo uma certa massa crítica.

A juntar a isto, e em simultâneo, a entrega às Escolas Superiores de Educação, pelo Ministério da Educação, da "encomenda" do programa da formação em serviço em pé de igualdade com as instituições universitárias perturbou enormemente essas instituições que não tinham sido concebidas para dar resposta a esses tipo de solicitações.

Dada a não existência de conselhos pedagógicos e as circunstâncias do seu estado de instalação, a grande maioria dos assuntos da escola eram levados ao Conselho Científico, pelo menos a título de informação, o que, se, por um lado, vinha complicar a agenda dos trabalhos, por outro, nos permitiu, durante esses anos, ter um bom conhecimento de todo o seu processo de construção e ter contribuído com alguma da nossa experiência na ajuda da resolução dos problemas que se iam apresentando.

Entretanto a escola foi amadurecendo e o Conselho Científico começava a ter um bom grupo de Professores Adjuntos que garantiam a coordenação científica e pedagógica de praticamente todas as suas áreas de formação. A esta luz e tendo em conta que as instituições, como as pessoas, têm que se ir tornando autónomas, achamos que era tempo de começarem a eleger de entre os seus membros o seu Presidente e tomar o destino nas suas mãos. E assim aconteceu, de facto. Nessa altura, 1988, e tendo que ausentar-me, em licença sabática para fora do país, achei que deveria pedir a minha exoneração a sua Excelência, o Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior da altura, desligando-me assim da escola.

Foi esta a pequena história da minha passagem, em traços muito gerais, pela ESEL que criou laços indeléveis que mantenho e fazem com que ainda me sinta um pouco em minha casa quando a visito. Fico muito grato à actual Direcção, na pessoa da sua Presidente, Prof. Doutora Maria Antónia Barreto, por me ter dado a oportunidade de a poder reviver e referir alguns dos pontos que me parecem mais relevantes.

*Professor Doutor José Tavares*

*(Ex-Presidente do Conselho Científico)*

Estive associada ao início da ESE de Leiria. Recordo o Dr. Cruz Pereira e o Dr. Veríssimo com quem trabalhei e testemunho aqui o empenho que colocaram no lançamento da Escola.

Discutiam-se nessa altura os currículos de formação dos educadores de infância e dos professores do 1º. Ciclo do Ensino Básico. Trabalhava-se já com alguns dos docentes da Escola. Acreditava-se que era possível mudar a formação através da inovação curricular, da ligação da escola à sociedade, nomeadamente no eixo formadores de professores-professores, e da investigação.

Rompendo com as tradicionais barreiras do conhecimento espartilhado, não se conceberam os primeiros currículos com base nas disciplinas. Partindo-se do perfil do educador e do professor que se desenhou, identificaram-se áreas temáticas que, contribuindo para a formação desse perfil, constituíram os eixos de formação. Organizaram-se as áreas em módulos flexíveis e estabeleceram-se entre eles os nós estruturadores de uma rede coerente, subordinada à finalidade que se pretendia atingir.

Vieram outros professores. Iniciaram-se as actividades curriculares. Surgiram as primeiras críticas e dificuldades. De adaptação em adaptação, o programa de formação, inicialmente traçado, foi ficando descaracterizado. Progressivamente, foi-se enveredando por currículos de tipo mais clássico, à base de disciplinas, da responsabilidade de um professor.

Assisti a esse desenrolar com algum desânimo e frustração. Não afirmo que tenha sido prejudicial para o desenvolvimento da Escola. Não tendo sido feita nenhuma investigação sobre o assunto, não tenho dados sobre os quais me apoiar para assumir uma posição tão definida. Mas ficou-me sempre na mente a convicção de que, para que exista verdadeira inovação curricular, a batalha se tem de ganhar no campo da gestão do currículo e não apenas ao nível da sua organização.

*Professora Doutora Isabel Alarcão*

*(Ex-Membro do Conselho Científico)*

Nós somos tempo — uma duração no tempo que se estende por dias, anos e até, décadas.

A consciência de que somos duração e, logo, da nossa finitude, leva a que procuremos ser felizes em cada dia que passa.

Essa felicidade, como somos por natureza seres sociais, pressupõe que vivamos para os outros, que a razão de ser da nossa existência seja, em última análise, os outros.

Por isso é tão importante termos amigos (a amizade é durável e nós somos duração) e que sejamos amigos respeitando os valores da liberdade e da responsabilidade. Ou seja, que permitamos ao outro realizar-se naquilo que ele é, encontrar o seu caminho de forma plenamente autónoma.

Neste sentido, a minha experiência enquanto Presidente da Comissão Instaladora da ESEL foi uma experiência profundamente humana e enriquecedora. A relação estabelecida quer com o corpo docente quer com os alunos foi de amizade - sempre nos respeitámos mutuamente como seres que sabem o que querem e para onde vão, com plena autonomia e liberdade.

A formação proporcionada pela ESEL nunca privilegiou a vertente da “informação”, mas sim a da “humanização” — na esteira do que Jacques Delors hoje afirma, que é obrigação dos professores, “educar para a ternura!”... Para que os alunos sejam pessoas felizes, para que a Escola contribua, dentro do que lhe é possível, para que a sua vida não seja uma simples soma de dias, mas sim um tempo vivido com qualidade.

Tenho muitas saudades dos amigos que tenho na ESEL — que tenho porque uma grande amizade permanece, acompanha-nos toda a nossa vida.

*Professora Doutora Beatriz Matias*

*(Ex-Presidente da 6.ª Comissão Instaladora)*

A Escola Superior de Educação de Leiria, hoje uma das Escolas do Instituto Politécnico de Leiria, foi a primeira instituição de ensino superior público da Região de Leiria, projecto a que estive ligado desde antes do lançamento das suas primeiras actividades de formação inicial, há mais de uma década. De então para cá, tenho continuado ligado a esta instituição o que pode tornar demasiado próxima e vivida a minha leitura desta instituição.

Ao longo destes anos foram muitas as coisas que aconteceram e delas haveria muito a dizer. Trabalhou-se muito e com resultados positivos nem sempre publicitados, o que de algum modo tem contribuído para ocultar muito do trabalho desenvolvido por alunos, por funcionários e por docentes.

Condicionismos exteriores à Escola Superior de Educação de Leiria e condicionismos também exteriores ao sistema educativo têm vindo a dificultar cada vez mais grande parte do trabalho desenvolvido. Neste sentido, partilho da afirmação contida no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI: "as políticas

educativas enfrentam fortes críticas, ou são relegadas, por razões económicas e financeiras, para a última ordem de prioridades".

Se o sistema educativo e as escolas são o reflexo da sociedade e da atenção que ela dá à educação, não se poderá dizer que elas estejam tão alheadas umas das outras, sem se questionar se esse alheamento não será em grande medida desejado, embora nem sempre consciencializado. Não sei mesmo se não haverá aqui uma certa dose de hipocrisia.

Do passado desta instituição, haveria muito a dizer. Mais importante do que o apontar o que de bom foi feito ou os erros cometidos, parece-me ser aprender com o que foi feito, e também com o que o não foi, e trabalhar para que no futuro, e no presente, a Educação seja cada vez mais um processo de formação integral da pessoa e não uma realidade para que se olha com uma perspectiva apenas mercantilista.

A Educação é um empreendimento complexo e difícil que facilmente é deixado para segundo plano, mesmo quando em palavras se afirma o contrário. A Educação não é feita de soluções técnicas decididas em gabinetes e impostas através de mecanismos administrativos. E também não pode ser o arranjo de interesses, nem sempre claros, mesmo que politicamente legitimados.

Depois de ao longo de décadas se ter trabalhado e batalhado para que todos pudessem ter acesso à Educação, para que os Direitos do Homem e da

Criança fossem realidades social e culturalmente vividas, ouve-se, por vezes, o questionar do "interesse", da "utilidade" e da "rentabilidade" da Educação para Todos, argumentando-se com lógicas que nada ou pouco têm de formativo, embora tenham muito de mercantilismo e de consumismo.

Houve um tempo em que não existiam escolas. As mudanças que se têm vindo a verificar mostram que a sociedade irá necessitar de escolas diferentes das que o passado nos legou. Penso que elas, as escolas do presente e do futuro, terão de ser espaços de formação e de desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Estou certo que a Escola Superior de Educação saberá ser sempre um destes espaços.

*Professor Doutor José Brites Ferreira*

*(Ex-Vogal das 3.ª e 4.ª Comissões Instaladas)*

*(Ex-Presidente do Conselho Científico)*

Acedendo ao pedido formulado pela Dig.<sup>ma</sup> Presidente do Conselho Directivo da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria cumpre-me, gostosamente, emitir um comentário, já a uma certa distância temporal, sobre a minha experiência enquanto ao serviço da referida Escola.

Desempenhei as funções de Vogal da Comissão Instaladora da ESE de Leiria, no período compreendido entre 15 de Dezembro de 1988 e 10 de Julho de 1991, período durante o qual também leccionei a disciplina de Elementos de Química aos alunos da variante de Matemática/Ciências do Curso de Formação de Professores do 2.º ciclo do ensino básico. Foi Presidente da Comissão Instaladora, durante esse período, o saudoso Dr. António José de Oliveira Veríssimo de Azevedo, a cuja memória me curvo respeitosamente. Foram Vogais da mesma Comissão Instaladora, primeiro o Dr. José Brites Ferreira e depois o Dr. Luís Filipe Tomás Barbeiro.

A minha passagem pela ESE foi uma experiência extremamente enriquecedora, quer pessoal quer profissionalmente, se bem que de grande exigência do ponto de vista da dedicação e disponibilidade.

Vivia-se por essa altura uma época de afirmação das ESE e a sua acção era dificultada por uma série de obstáculos, naturais uns, e artificialmente criados, outros.

Naturais eram, fundamentalmente, os decorrentes da sua muito recente criação e os decorrentes do seu ainda mais recente início de actividades na formação inicial. Como consequência havia uma grande exiguidade de meios tanto humanos como, principalmente, financeiros. Com muita dedicação e inteligência de todos os agentes envolvidos no processo, foi possível, apesar das dificuldades enfrentadas, ir ultrapassando esses obstáculos.

As dificuldades artificialmente criadas foram mais difíceis de superar, porquanto elas eram desmotivadoras e até inibidoras. Prenderam-se principalmente com a indefinição da política relativa à continuidade das Escolas Superiores de Educação, no sistema do Ensino Superior Português. Havia entidades que defendiam as ESE e desejavam que elas se afirmassem e crescessem, de modo a constituírem pólos de desenvolvimento das regiões onde se inserem, mas havia outras que activa ou passivamente procuravam dificultar a sua afirmação para conseguirem, desse modo, argumentos que levassem ao seu encerramento. Felizmente as primeiras levaram vantagem sobre as segundas e foi possível assistir ao desenvolvimento global daquelas instituições e, em particular, ao crescimento e implantação da ESE de Leiria.

Durante o período em que tive a honra de participar no desenvolvimento da ESE, verificou-se um grande aumento do número de estudantes, tanto a nível da formação inicial como a nível da profissionalização em serviço e da formação contínua de docentes. O Conselho Científico da Escola elaborou e submeteu a aprovação superior uma proposta de reestruturação dos planos curriculares dos diferentes cursos ministrados. Foi estabelecido um protocolo com a Universidade Aberta, em virtude do qual a ESE beneficiou de alguns meios e materiais didácticos e razoáveis meios financeiros, em troca do apoio pedagógico dado aos alunos do Distrito de Leiria, matriculados naquela Universidade. Desenvolveu-se o Projecto Minerva, que ajudou a formar monitores de informática num grande número de escolas de ensino básico e de ensino secundário, que vieram a dinamizar núcleos de informática entretanto criados, nessas escolas, também através da ESE pelo Projecto Minerva.

Como consequência da Lei de Bases do Sistema Educativo a Escola passou a apostar mais na formação contínua de docentes dos ensinos básico e secundário, tendo levado a efeito várias e diversificadas acções nesse domínio, tanto na ESE como noutras escolas do Distrito de Leiria que contribuíram, de forma significativa, para a valorização dos docentes que as frequentaram e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade do ensino por eles ministrado.

Conforme acima referi, graças ao esforço concertado de docentes, pessoal administrativo, técnico e auxiliar e com a compreensão e apoio dos estudantes, foi possível fazer crescer e consolidar a ESE de Leiria. Orgulho-me de ter tomado parte nessa tarefa.

*Dr. Arnaldo Francisco Febra*  
*(Ex-Vogal das 4.ª e 5.ª Comissões Instaladoras)*